

Sampaio

Os Visigodos

PEÇA EM 2 ACTOS

de

jaime salazar sampaio
1962 - 67

1º. ACTO

É noite. A cena representa uma sala de estar. Porta à esquerda, dando para o hall, porta à direita, comunicando com o quarto ao lado. Janela ao fundo. Móveis pesados, do princípio do século, entre os quais avulta um grande armário, encostado à parede da direita e encobrindo parcialmente a respectiva porta. Ao lado do armário, bem visível, um relógio de parede, de caixa alta; está parado, marcando cerca de 6 horas menos um quarto. Cadeiras, mesa redonda, ao centro, piano ao fundo, etc. Retratos de família pendurados na parede. Alguns elementos de mobiliário discordantes dos acima indicados: modernos e de má qualidade. Exemplo: um sofá ou divã, com várias almofadas, de formato e cores diferentes. Um telefone à Esq. b., de modelo recente, de preferência côr de rosa.

A Esq. a. está Raimundo, só em cena, sentado com timidez, na pontinha da cadeira. Aparenta 30-35 anos, veste sobretudo escuro, pesado; usa cachecol; tem óculos. Mexe-se na cadeira, manifestamente pouco à vontade. Olha o relógio de parede. Levanta-se. Torna a sentar-se. Olha de novo. Decide bruscamente dirigir-se até ao relógio. Dá-lhe corda, acerta-o pelo seu. O relógio de parede, agora a funcionar, marca um pouco mais de 9 horas e meia. Raimundo afasta-se; contempla de longe e com satisfação o relógio.

Entra Vanda, pela porta da Esq., sem fazer ruído. É uma rapariga pretendendo aparentar 18 anos, mas que terá um pouco mais.

Saia redonda, fita nos cabelos; olhar brilhante, gestos vivos. Vanda olha Raimundo, o qual, sem dar pela presença dela, continua voltado para o relógio. Vanda aproxima-se de Raimundo. Dá uma gargalhada. Raimundo, surpreso, volta-se para Vanda.

Vanda (volúvel) - O senhor é que é o namorado da Rosa ?... Está à espera da minha irmã ? (Raimundo esboça um sorriso tímido, a confirmar) Eu sou a irmã da Rosa... a Vanda ... a irmã mais nova ... (Raimundo vai a cumprimentá-la, murmurando qualquer coisa e procurando estender-lhe a mão. Vanda esquiva-se, numa pirueta) Ela nunca lhe falou de mim ?... (Raimundo tem um gesto vago, vai a responder, mas Vanda não lhe dá tempo) É claro ... Eu já sabia!... Nem uma palavra a meu respeito... É o costume (tom contristado) E no entanto ... não é ... nós somos irmãs (suspira) Irmãs, meu caro senhor ...

Raimundo (procurando, sem grande êxito, vencer a timidez) - Estou a ver ... quero dizer ... vê-se muito bem ...

Vanda (tom mundano) - Acha-nos parecidas ?

Raimundo - Parecidíssimas!

Vanda (ambígua) - Acha ?...

Raimundo (animando-se) - Agora mesmo... quando a menina entrou...
Se Não fosse o vestido ... a maneira de andar ...

Vanda - O quê ?... Confundia-nos ?... (avançando para Raimundo, tom mais alto) Não me diga ^{Não me diga} que nos confundia !

Raimundo (batendo em retirada) - A menina é mais nova ... já se vê...

Vanda (implacável) - Mas se não fosse a diferença de idades... Se nos visse na rua ... em épocas diferentes ?...

(O telefone começa a tocar. Vanda suspende-se, mas não faz um gesto para atender. O telefone continua).

Raimundo (manifestamente agrado da interrupção) - Parece-me que está a tocar ...

Vanda (brusca) - Não é nada. É o telefone.

Raimundo (solícito) - Quer que atenda ?

Vanda (impulsiva) - Não ! (dominando-se com esforço) É prà Rosa. É sempre prà Rosa. Nesta casa, só quem recebe telefonemas é a Rosa ... (O telefone deixa de tocar. Pausa. Tom mundano) Mas ~~ainda~~ ainda está de sobretudo !... Sente-se ... Não se quer sentar ? (Raimundo que esboçara um gesto para de desembaraçar do sobretudo, acaba por

se sentar, com ele vestido) Com franqueza: parece-lhe que está frio nesta sala para um sobretudo ? (Raimundo levanta-se de novo, vai a tirar o sobretudo, desculpando-se com um sorriso) E o cachecol ... não tem vergonha? ... Vamos, tire o seu cachecol ... (Raimundo obedece, suspendendo mais uma vez o gesto de tirar o sobretudo. De cachecol na mão, tenta depois desembaraçar-se do sobretudo. Vanda ajuda-o)

Raimundo (procurando furtar-se à ajuda de Vanda) - Muito obrigado, menina ... Muito obrigado ...

Vanda (acabando por lhe tirar o sobretudo; tom mundano e de gentil repreensão) ^{Não agradeça...} E uma coisa que não se pede, nem se agradece nunca ... ^{Senta-se} (Faz um gesto, convidando Raimundo a sentar-se. Senta-se também, numa cadeira em frente dele. Uma vez os dois sentados, há uma longa pausa, durante a qual se vai acentuando a confusão de Raimundo)

Vanda (prossequindo, como se não tivesse havido qualquer pausa) - O ra vê?... não é muito melhor?... (sentenciosa) A roupa deve estar sempre em relação com a temperatura do ambiente. É uma das condições ... como se diz ... indispensáveis ... ao equilíbrio ... psíquico ... individual Não lhe parece, senhor ... uhm ... como é que se chama?...

Raimundo (num fio de voz) - Raimundo ...

Vanda (com estranheza) - O quê ?

Raimundo (engrossando a voz) - Raimundo ...

Vanda (com uma ponta de irritação na voz) - O senhor está a dizer isso para me impressionar ?

Raimundo (de novo num fio de voz) - É o meu nome, menina ...

Vanda - Que impertinência !... Como é que isso se escreve ?

Raimundo (assombrado) - Raimundo, menina ...

Vanda (mais irritada) - Sim: mas como ?

Raimundo - ... Com erre ...

Vanda - E o resto ?

Raimundo (a custo) - Erre ... a... i... eme ...

Vanda (ensaiaando vários tons: primeiro dubitativo, depois íntimo,

por último declamatório) - Raimundo ?... Raimundo ...
RAIMUNDO ! (perentória) Não. Não pode ser nada. Passarei
a chamar-lhe Francisco ... Fica resolvido.

Raimundo (em tom quase de desculpa) - Mas eu chamo-me Raimundo ...

Vanda - Por amor de Deus, senhor Francisco ...

Raimundo (em tom mais firme) - Raimundo, menina ... Raimundo Ribeiro.

Vanda - Olhe que Francisco está melhor para si ... mais em proporção, sabe ? ... Francisco, Chico, Chiquinho ... (Levanta-se, vai buscar uma garrafa de whisky e dois copos) Chiquinho Raimundo, se quiser ... (Raimundo, que entretanto se levantara, está de pé, em atitude rígida, muito digno) Que eu por mim continuo a chamar-lhe Francisco, já se sabe ...
RAIMUNDO- ~~Vanda vai a encher os copos mas sus~~
~~Olhe que eu não bebo ...~~
~~Raimundo pigarreia.~~
VANDA- Chiu !... Esteja calado !... (Raimundo obedece.

Vanda corre até junto do armário. Encosta o ouvido ao móvel, à escuta) Não ouve ?... Não está a ouvir ?... (tom volúvel, deixando de escutar) Tem graça ... eu também não. (voltando-se para Raimundo, tom solene) Faço -
-lhe notar, Francisco, que nenhum de nós ouviu, fosse que ruído fosse ... (Raimundo, perplexo, aprova com a cabeça. Longa pausa) Tudo se passa, por consequência, como se não houvesse qualquer ruído nesta sala ... Além das nossas vozes, é claro ... a minha e a do Francisco ... E um ou outro carro, passando ... na rua ... lá em baixo ... (Pausa, durante a qual Vanda olha na direcção da janela, parecendo esquecer-se da presença de Raimundo. Este, por fim, afina a garganta. Vanda tem um sobresalto e volta, sorridente, para junto de Raimundo. Acaba de servir as bebidas)

Vanda (de novo em tom mundano, entregando um copo a Raimundo) - Aqui tem o seu copo, faça favor ...

Raimundo - Muito obrigado, mas não bebo, menina ...

Vanda - Só um golinho enquanto espera ... (piscando o olho a Raimundo, tom familiar) Aproveite ... É a última gota da última garrafa ... Não há água de castelo, já se sabe, nem soda, nem gelo ... mas console-se ... O Jerónimo di-

zia muitas vezes: whisky, só puro e em boa companhia...
(maliciosa) Em boa companhia, compreende ?... está a ver
onde o Jerónimo queria chegar, aquele maroto ? (reparan
do que Raimundo continua de copo na mão, sem beber) Mas
não bebe ?... Olhe que o whisky deve beber-se puro ...
(interrompe-se bruscamente, pousando o copo sem ter be-
bido; passa a mão pela testa; olha Raimundo atentamente)
O senhor é que é o namorado da Rosa ?... Está à espera
da minha irmã ?... ~~Sente-se, por favor, sente-se !...~~
(Raimundo volta a sentar-se. Vanda senta-se também) Ela
manda dizer que não vem ...

Raimundo (levanta-se, de um salto) - Não vem ?...

Vanda (continuando sentada) - Não pode vir...

Raimundo (preocupado) - Aconteceu-lhe alguma coisa ?...

(Vanda, sem responder, afasta-se. Vai até à janela. Começa a canta-
rolar distraidamente "As Rosas", de costas para Raimundo, olhando
a rua)

Raimundo (mais preocupado) - Aconteceu alguma coisa à Rosa ?

Vanda (indo até ao piano, tom evasivo) - Não pode vir, não vem (de
pé, executa ao piano, com um só dedo, um trecho de " As
Rosas")

Raimundo - Mas foi ela que combinou ...

Vanda (voltando-se bruscamente para Raimundo e fechando o piano com
força, tom desabrido) - Não vem, não pode vir, não lhe
apetece ... (Raimundo recua) Está satisfeito com a exp-
licação ? (pausa) E uma dor de cabeça ... uma enchaque-
ca ... serve-lhe ?... Um contratempo, um encontro, um
desencontro, se prefere ... um comboio perdido ?... (pau
sa) Olhe: a Rosa saiu com outro e ~~entretou~~ ^{forçou} um pé ... na
baixa ... (saltitando num pé só, em torno de Raimundo)
Queria que a pobre rapariga viesse por aí fora, a pé co-
xinho ?... (Volta as costas a Raimundo, brincando com a
chave do armário, tom desprendido) Não vem... não pode
vir ... não lhe apetece ...

Raimundo (consultando o relógio) - Mas ela disse-me: "às nove e meia"
... Foi ela que disse ...